



PONTOS
CONTRA

Joan Ferrés

Um universo a ser explorado. É assim que o professor Joan Ferrés vê as oportunidades para que se expanda o campo dos conhecimentos a respeito da Educação para a Mídia. Joan Ferrés é pedagogo e especialista em Educação em Comunicação Audiovisual. Espanhol, professor da Universidade Pompeu Fabra (UPF) em Barcelona. É autor de livros traduzidos para o português e publicados no Brasil pela Artmed, b como *Televisão e Educação* (1996), *Vídeo e Educação* (1996) e *Televisão Subliminar* (1998). Professor do Doutorado na UPF, Ferrés acredita que a Educação para a Mídia passa pelas sensações em convergência com o intelectual, mas ainda há muito a fazer.

A entrevista a seguir foi concedida por e-mail, em meados de maio, para a professora Laura Seligman, mestre em Educação pelo PMAE.

Contrapontos - A Educação para os Meios não é nova, mas ainda não é aceita pelos professores na maioria das escolas. Qual é a real necessidade de educar para a compreensão das mensagens midiáticas? Esta é uma demanda social ou uma demanda criada pela academia?

Joan Ferrés - A situação da Educação para os Meios na Espanha é, na verdade, bastante deficitária. Creio que, mais ou menos, pode-se dizer o mesmo para o resto do mundo. E, ao meu modo de ver, não podemos ser otimistas demais a respeito de perspectivas para um futuro imediato.

Considero que o motivo por que as coisas têm sido, e seguem sendo, assim é que a educação nos meios não é nem uma demanda social, nem uma demanda acadêmica. Não existe consciência de que haja necessidade de formação dos cidadãos e cidadãs neste campo. Nem as autoridades acadêmicas vêm como necessária a inclusão de conteúdos relativos a esta matéria, nem a sociedade pressiona para que eles sejam incorporados.





PONTOS
CONTRA

Por quê? Provavelmente porque se pensa que a comunicação audiovisual é uma forma de expressão neutra, transparente. Ao trabalhar com signos icônicos, não arbitrários (como os verbais), signos que têm uma relação direta com a realidade representada, parecem facilmente compreensíveis, acessíveis a todo o tipo de pessoa. A decodificação parece quase automática, então de onde se deduz que requer uma formação específica prévia? Ao que parece, qualquer um pode considera-se competente nesta matéria.

Contrapontos - Não é assim na realidade? Não é verdade que na comunicação audiovisual os signos são facilmente decodificáveis?

Joan Ferrés - Cada vez que se inicia esta discussão, tenho a tendência de reagir recorrendo a uma citação de Thomas Eliot. Ele a utilizava em um contexto diferente e para uma finalidade diferente, mas considero que é pertinente para o caso. Eliot se perguntava: “Qual é a mensagem que transmite o ladrão que dá um pedaço de carne ao cachorro que guarda a casa? Qual a mensagem que o cachorro capta?”.

Basta uma certa experiência perceptiva para interpretar, em uma primeira instância, os signos icônicos, para decodificá-los em um nível primário e imediato. No caso referido por Eliot, a decodificação imediata seria: “Isto é carne, eu gosto de carne, esta pessoa me dá carne, esta pessoa gosta de mim”. Por isso que se exige uma formação específica, é para compreender as intenções e, sobretudo, os efeitos de uma mensagem.

Este é o grande desafio da Educação em Comunicação Audiovisual, e esta é a reivindicação a qual não podemos renunciar. As autoridades acadêmicas devem compreender a necessidade de formar pessoas competentes em comunicação audiovisual, pessoas capazes de detectar as intenções e os efeitos do bombardeio de mensagens audiovisuais a que estão submetidas.

Contrapontos - Para a maioria dos autores, Educar para os Meios é uma meta pessoal, ocupacional, pessoal e social. Mas, em sua obra, o senhor ainda cita a importância de trabalhar com as sensações. Em *Televisão Subliminar*, por exemplo, o senhor aborda a sedução que este meio exerce sobre o público. É possível educar as sensações?

Joan Ferrés - Não é só possível, é imprescindível. Desde que escrevi o livro *Televisão Subliminar* até hoje, não tenho feito mais do que reforçar minha convicção sobre a necessidade imperiosa de centrar a educação em geral, ainda mais a Educação para os Meios, em torno do âmbito das emoções. Estou convencido de que não pode haver competência audiovisual sem competência emocional.



PONTOS
CONTRA

Até hoje, na cultura ocidental, temos mantido a convicção de que uma pessoa que se move só por emoções, uma pessoa que não tenha desenvolvido sua capacidade de abstração, de racionalizar, de pensar, de argumentar, não é uma pessoa madura. Hoje, sabemos pela neurociência que uma pessoa que é capaz de se abstrair, de racionalizar, de pensar e argumentar, mas que tem danos em seu cérebro emocional, não é uma pessoa madura, é uma pessoa incapaz de tomar decisões adequadas do ponto de vista da eficácia e até mesmo da ética.

Isso é o que na neurobiologia se conhece como o efeito Phineas Gage, em referência ao caso, estudado pelo neurocientista Antonio Damasio, de um trabalhador qualificado das ferrovias dos Estados Unidos de meados do século XIX, que sofreu um grave acidente de trabalho que afetou exclusivamente seu cérebro emocional. Apesar de manter intactas as faculdades superiores, Phineas Gage viu destruída a sua vida: comportava-se de maneira imatura, sendo incapaz de tomar decisões adequadas durante o resto de sua vida.

De acordo com o efeito Phineas Gage, se aceitamos que as emoções constituem o núcleo de nossa mente, o componente sem o qual não é possível o exercício das faculdades superiores, devemos concluir que a ausência de emotividade é tão perniciosa quando ocorre como consequência de uma limitação fisiológica (uma doença, uma lesão, um acidente de trabalho), quanto quando ocorre simplesmente porque se é capaz de ativar o cérebro emocional.

Este é o grande risco que temos no âmbito cultural e, mais concretamente, no âmbito acadêmico.

Em consequência, não só é possível, mas é imprescindível educar as sensações a partir das sensações, educar as emoções a partir das emoções. A Educação para os Meios não pode surgir como exigência de substituir as emoções pela racionalidade. Ela deve necessariamente surgir como a capacidade de construir pontes entre ambas, a capacidade de converter as emoções em reflexões, a capacidade de aproveitar a potencialidade das emoções para desencadear o exercício da racionalidade.

Contrapontos - E como se faz isso na prática?

Joan Ferrés - Sempre defendi que uma aproximação madura das mensagens audiovisuais não pode ser feita a partir da simples racionalidade. Como acabamos de ver, hoje a ciência concorda com isso. As análises críticas de uma mensagem audiovisual não deveriam iniciar com o tipo de perguntas que têm sido habituais nos âmbitos acadêmicos e culturais: “Qual era a mensagem da obra? O que o autor pretendia nos comunicar?”





PONTOS
CONTRA

São perguntas intelectuais, abstratas, que não conectam nem com o peso que tem o cérebro emocional na mente humana, nem com a conexão direta e inevitável que a comunicação audiovisual tem com o universo emocional.

Os primeiros passos na análise de um produto audiovisual deveriam ser encaminhados sempre a fazer uma radiografia dos sentimentos, a verbalizar as reações a qualquer nível: de gostar ou não gostar, de sintonia ou indiferença, de aceitação ou recusa.

Em uma segunda fase, ir-se-iam confrontando as próprias reações com as dos outros e, sobretudo, com a obra que as suscitou. O que há na obra que justifique a minha reação ante ela? A radiografia dos sentimentos resultaria, então, na radiografia da obra, a partir de todos os pontos de vista: do entretenimento, da significação, de expressividade, de ideologia, de ética, de estética...

A dupla radiografia resultaria, enfim, em uma dupla valoração: da obra e de si mesma. O processo seria, assim, inclusivo e conclusivo, motivador e integrador. É enriquecedor em qualquer um dos casos.

Contrapontos - Existem múltiplas concepções para a Educação para os Meios: Media Education, Media literacy, Information Literacy (em inglês), Educação para os Meios, Mídia-educação, Educomunicação (nas línguas latinas), entre tantas outras...

Joan Ferrés - Na verdade, ainda poderíamos acrescentar a essas que você formulou outras, como Alfabetização Midiática, Alfabetização Digital, Educação na Comunicação, Educação nos Meios, Educação em Comunicação Audiovisual, etc.

Contrapontos - Em sua opinião, qual a real motivação de tanta divergência a respeito do tema e quais as suas conseqüências?

Joan Ferrés - As diferenças terminológicas obedecem, no fundo, a diferenças de concepção. Recorremos a uma ou outra denominação, conforme consideremos prioritária uma ou outra das dimensões pelas quais devemos encarar a educação em matéria de comunicação audiovisual. Há várias décadas se falava e se escrevia, na Espanha, sobre meios audiovisuais. Alguns profissionais da matéria preferiam utilizar a expressão Comunicação Audiovisual, e esta denominação foi ganhando terreno, sobretudo a partir do momento em que se recorreu a ela para referir-se a uma nova titulação universitária.

As coisas voltaram a se complicar no momento em que apareceram as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Neste instante, voltou-se a pôr o



PONTOS
CONTRA

acento na dimensão tecnológica. Daí que hoje se fala, por exemplo, em alfabetização digital. Que sentido tem essa expressão? Hoje todas as linguagens, todas as formas de expressão recorrem a suportes digitais: as letras, os números, as imagens e sons.

Ainda que as dimensões se impliquem mutuamente de maneira inevitável, convém reservar um espaço para a comunicação, mais além da tecnologia. Para mim, serve o exemplo da linguagem verbal. A aparição, há muitas décadas, da máquina de escrever gerou a necessidade de uma nova aprendizagem, a datilografia, mas como complemento, não como substituição das aprendizagens vinculadas à linguagem verbal: a gramática, a ortografia, a sintaxe...

Contrapontos - A divergência costuma incluir qual profissional se encarregará desta tarefa: o comunicador, o educador ou um novo profissional. Quem deve Educar para os Meios?

Joan Ferrés - A resposta a essa pergunta depende da visão que se tenha da educação e, também, da comunicação. Os que privilegiam a dimensão tecnológica da comunicação audiovisual pensam, com certeza, que esses conhecimentos deveriam ser ensinados por tecnólogos. Não é essa a minha opção.

Alguns colegas do meu país (poucos, na verdade) consideram que se deva seguir reivindicando, nos currículos de Ensino Primário e Secundário (o correspondente ao Ensino Fundamental e Médio, no Brasil), uma disciplina específica de comunicação audiovisual, que, em consequência, deveria ser ensinada por um especialista em comunicação audiovisual. Esta também não é a minha opção.

A maioria de nós, que nos interessamos por estes temas na Espanha, inclina-se por incorporar os conteúdos relativos à comunicação audiovisual em diversas áreas do ensino: língua, educação artística, ciências sociais, cidadania... A justificativa desta proposta é evitar a excessiva fragmentação à qual padecemos na cultura ocidental, a compartimentação do conhecimento. Temos que avançar para abordagens mais globalizadas, mais integradoras.

Contrapontos - Quais as principais competências e metas que este profissional deve ter?

Joan Ferrés - Em uma pesquisa levada a cabo recentemente com o apoio do Conselho Audiovisual da Catalunha (CAC), temos tentado definir a competência em comunicação audiovisual elaborando os critérios e as dimensões que ela deveria cobrir. O valor da pesquisa reside no fato de que estes critérios e dimensões foram





PONTOS CONTRA

desenvolvidos após uma prévia consulta a uns sessenta especialistas do âmbito ibero-americano (aqueles que mais têm se destacado neste campo por suas pesquisas e suas publicações) e, finalmente, foram a consenso em um seminário de reflexão e confrontação por uns quinze especialistas do estado espanhol.

O documento, que foi publicado em uma edição monográfica dos Quaderns del CAC1, define algumas áreas de incidência, dimensões e indicadores. Acima de tudo, duas grandes áreas de incidência da educação em comunicação audiovisual. Na área pessoal, a interação entre emotividade e racionalidade (já comentei sobre a marginalização do emotivo nas aproximações acadêmicas da comunicação audiovisual). Na área funcional, a interação entre a leitura crítica e a expressão criativa (consideramos tão importante que os cidadãos aprendam a interpretar de maneira crítica as mensagens que recebem como que aprendam a expressar-se audiovisualmente com o mínimo de correção e criatividade).

No que diz respeito às dimensões, a competência em comunicação audiovisual acabou estabelecida em sete grandes âmbitos: a linguagem, a tecnologia, a ideologia e os valores, a recepção e audiência, a produção e programação e a dimensão estética.

Se estes são os âmbitos de incidência e as dimensões que se deve ter para formar pessoas competentes em comunicação audiovisual, é lógico supor que o profissional da educação que ensina esses conteúdos deverá ser tão ou mais competente nessas mesmas dimensões.

Contrapontos - Em *Televisão e Educação*, o senhor afirma que se gasta mais tempo ensinando a ler e a escrever do que as pessoas vão realmente usar nessas atividades. Enquanto isso, as crianças e adultos continuam em frente à televisão expostos sem orientação e uma linguagem desconhecida. Com essa afirmação, o senhor acredita na decadência da sociedade livresca em nome de uma sociedade sinestésica?

Joan Ferrés - Creio que é evidente que rumamos a uma sociedade das convergências. Já passou a época em que uma tecnologia era substituída por outra: a luz elétrica no lugar de tochas ou velas, o automóvel no lugar do cavalo, etc. No âmbito da comunicação não se tem cumprido as profecias que anunciavam a morte do teatro pelas mãos do cinema, a morte do rádio pelas mãos da televisão, e assim sucessivamente. A aparição de novas tecnologias permite que os meios vão se adaptando, mas na linha de complementação, não de substituição.



PONTOS
CONTRA

A aparição da Internet e das tecnologias multimídia não fizeram mais do que potencializar essa tendência. E deveríamos aproveitá-la educativamente. Se no âmbito do social o que se conhece como convergência tecnológica vem acompanhada de uma convergência expressiva, no âmbito educativo deveríamos aproveitar a riqueza multimidiática das tecnologias para fazer uma educação multimodal. A multiplicidade e variedade tecnológica deveriam permitir-nos a convergência de formas de expressão.

Em outras palavras, deveríamos criar sinergias. Se para o tratamento de conteúdos abstratos podemos beneficiar-nos das potencialidades indutivas da linguagem verbal, para o tratamento de conteúdos áudio-visual-cinéticos deveríamos saber nos beneficiar das potencialidades ostensivas da linguagem audiovisual. Se para gerar aprendizagens de carácter conceitual e sistematizado podemos nos beneficiar do carácter analítico da linguagem verbal, para motivar aprendizagens deveríamos saber nos beneficiar do carácter mobilizador da linguagem audiovisual.

Notas

¹ FERRES, Joan, “La competencia en comunicació audiovisual: propuesta articulada de dimensiones e indicadores”, en Quaderns del CAC. La educación en comunicación audiovisual, n. 25, mayo-agosto 2006, p. 9-18, Barcelona.

